

Índice

I	9
II	27
III	61
IV	99
V	129
VI	149
VII	177
VIII	187
IX	231
X	267
Conferência	301
Nota Introdutória ao <i>Dicionário das Ideias Feitas</i>	307
Dicionário das Ideias Feitas	309
Notas	350

I

Com um calor de trinta e três graus, o boulevard Bourdon estava completamente deserto.

Mais abaixo, o canal Saint-Martin, fechado pelas duas comportas, apresentava em linha reta a sua água cor de tinta. No meio, havia um barco carregado de madeira e na margem duas fileiras de barricas.

Para lá do canal, entre as casas separadas por estaleiros, o grande céu límpido recortava-se em lâminas de azul-marinho e, sob a reverberação do sol, as fachadas brancas, os telhados de ardósia e os cais de granito encandeavam. Um rumor confuso surgiu de longe na atmosfera tépida; e tudo parecia entorpecido pela ociosidade do domingo e a tristeza dos dias de verão.

Surgiram dois homens.

Um vinha da Bastilha e o outro do Jardim Botânico. O mais alto, de fato de algodão, ia de chapéu deitado para trás, colete desabotoado e gravata na mão. O mais baixo, cujo corpo desaparecia numa sobrecasaca castanha, ia de cabeça baixa coberta por um boné de pala pontiaguda.

Quando chegaram a meio do bulevar, sentaram-se ao mesmo tempo, no mesmo banco.

Para enxugarem a testa, tiraram os chapéus, que cada um pôs junto de si; o mais baixo viu que, no chapéu do vizinho, estava escrito «Bouvard», enquanto este distinguia nitidamente no boné do indivíduo de sobrecasaca a palavra «Pécuchet».

— Olha! — disse ele. — Tivemos a mesma ideia de gravar os nossos nomes nos chapéus.

— Pois foi! Era para não me levarem o meu lá no escritório!

— É como eu, também sou empregado de escritório.

Então olharam um para o outro com atenção.

O aspeto amável de Bouvard deixou logo Pécuchet encantado.

Os seus olhos azulados, sempre semicerrados, sorriam num rosto corado; umas calças largas, com ponta de fole em baixo sobre sapatos de pele de castor, faziam-lhe tufar a camisa na cintura; e os cabelos loiros, naturalmente ondulados por ligeiros caracóis, davam-lhe um ar um pouco infantil.

Da ponta dos lábios saía-lhe constantemente uma espécie de as-sobio.

O olhar sério de Pécuchet impressionou Bouvard.

Dir-se-ia que usava peruca ao ver-se aquelas mechas tão lisas e negras que lhe guarneciam o crânio alto. O rosto parecia estar sempre de perfil, devido ao nariz que lhe vinha até muito abaixo. As pernas, enfiadas em canudos resistentes, eram desproporcionadas em relação ao comprimento do tronco; e tinha uma voz forte e cavernosa.

Escapou-lhe esta exclamação: «Que bem que se estaria no campo!»

Mas os subúrbios, segundo Bouvard, eram uma maçada devido à barulheira das tabernas e das festas populares. Pécuchet pensava o mesmo, e tal como Bouvard, começava a estar farto da capital.

E os olhos de ambos vagueavam pelo montão de pedras de construção, pela água repelente onde flutuava um fardo de palha, pela chaminé de uma fábrica que se erguia no horizonte, enquanto dos esgotos se exalavam miasmas. Viraram-se para o outro lado e viram na sua frente as paredes do Armazém Municipal de Cereais.

De facto (e Pécuchet estava surpreendido com isso), estava ainda mais calor nas ruas do que em casa!

Bouvard incitou-o a tirar a sobrecasaca; lá por ele, não se importava com o que as pessoas dissessem!

De repente, um bêbedo atravessou o passeio em ziguezague; e, a propósito dos operários, encetaram uma conversa sobre política. As

suas opiniões eram idênticas, embora Bouvard fosse talvez mais liberal.

Um ruído de ferragens ressoou na calçada, num turbilhão de poeira. Eram três caleches de aluguer que se dirigiam para Bercy, levando uma noiva com o seu buquê, burgueses de gravata branca, senhoras enfiadas nas saias até aos sovacos, duas ou três meninas, um estudante. A visão destas núpcias levou Bouvard e Pécuchet a falarem de mulheres, que consideravam frívolas, rabugentas, teimosas. Apesar disso, muitas vezes eram melhores do que os homens; outras vezes eram piores. Em suma, era melhor viver sem elas; era por isso que Pécuchet ficara solteiro.

— Eu sou viúvo — disse Bouvard — e sem filhos!

— Isso talvez tenha sido uma sorte para si... Mas a solidão a longo prazo é bem triste.

Depois, à beira do cais, apareceu uma rapariga da vida com um soldado. Pálida, de cabelos pretos e marcada pela varíola, dava o braço ao militar, balançando as ancas e arrastando os chinelos.

Quando ela já estava longe, Bouvard fez uma reflexão obscena. Pécuchet ficou muito vermelho e, talvez para não lhe responder, apontou-lhe com o olhar um padre que se aproximava.

O clérigo desceu com lentidão a avenida de frágeis olmeiros que margeavam o passeio, e Bouvard, assim que deixou de ver o tricórnio, disse que se sentia aliviado porque odiava os jesuítas. Pécuchet, sem os absolver, deu mostras de alguma deferência pela religião.

Entretanto, o crepúsculo caía e, em frente, algumas persianas tinham sido erguidas. Os transeuntes eram agora mais numerosos. Deram as sete horas.

As palavras fluíam-lhes continuamente, os comentários sucediam-se a historietas divertidas, as tiradas filosóficas seguiam-se a reflexões pessoais. Denegriram os Engenheiros de Pontes e de Estradas, o monopólio do tabaco, o comércio, os teatros, a nossa marinha e todo o género humano, como pessoas que tivessem sofrido grandes reveses. Cada um, ao ouvir o outro, lembrava coisas esquecidas de si mesmo; e, embora já tivessem passado a idade das emoções ingénuas, sentiam um prazer novo, uma espécie de um renovado desabrochar do encanto das ternuras da infância.

Vinte vezes se levantaram e voltaram a sentar, e percorreram todo o bulevar, desde a comporta a montante até à comporta a jusante, sempre com a intenção de se despedirem, mas sem terem forças de o fazer, retidos por uma espécie de fascínio.

Por fim, quando estavam a dar um aperto de mão para se despedirem, Bouvard disse de repente:

— Olhe lá! E se jantássemos juntos?

— Tive a mesma ideia — respondeu Pécuchet —, mas não me atrevi a sugerir-lha!

E deixou-se conduzir para um pequeno restaurante que ficava em frente do Hôtel de Ville e onde estariam bem.

Bouvard encomendou o jantar.

Pécuchet receava que as especiarias lhe pusessem o corpo a arder, o que foi motivo para uma discussão sobre a medicina. A seguir, glorificaram os benefícios da ciência: havia tantas coisas para saber! Quantas investigações, se houvesse tempo para elas! Infelizmente, o ganha-pão absorvia-o completamente; e ergueram os braços espantados, e por pouco não se abraçaram por cima da mesa, quando descobriram que ambos eram copistas: Bouvard num estabelecimento comercial, Pécuchet no Ministério da Marinha (o que não o impedia de dedicar, todas as noites, alguns momentos ao estudo). Fora assim que se apercebera de erros na obra de Monsieur Thiers, e falava com o maior respeito de um tal Dumouchel, um professor.

Bouvard superava-o noutros aspetos. A elegância da sua corrente de relógio de bolso e a forma como batia a remolada revelavam um velho folião cheio de experiência. E, enquanto comia, com a ponta do guardanapo enfiada no sôvaco, ia debitando coisas que punham Pécuchet a rir. Aliás, era uma risada peculiar, uma nota única, muito baixa, sempre a mesma, que soltava após longos intervalos. Ao contrário, o riso de Bouvard era contínuo, sonoro, deixava-lhe ver os dentes, sacudia-lhe os ombros, o que levava os clientes, que esperavam à porta, a virarem-se naquela direção.

Terminada a refeição, foram tomar café noutro estabelecimento. Pécuchet, ao contemplar os bicos de gás, criticou os excessos de luxo e depois, com um gesto desdenhoso, afastou os jornais. Bou-

vard a esse respeito era mais tolerante. Em geral, gostava de todos os escritores e, na juventude, desejara ser ator.

Quis fazer truques de equilíbrio com um taco de bilhar e duas bolas de marfim como fazia Barberou, um dos seus amigos. Invariavelmente, as bolas caíam e rolavam pelo chão, por entre as pernas das pessoas, perdendo-se ao longe. O criado, que de todas as vezes se levantava para as procurar de gatas, debaixo dos bancos, acabou por se queixar. Pécuchet discutiu com ele; apareceu o dono do café, mas ele não deu ouvidos às suas desculpas e até contestou a conta.

Em seguida, propôs que terminassem a noite calmamente em sua casa, que ficava perto, na rue Saint-Martin.

Assim que entrou, enfiou uma espécie de guarda-pó de chita e fez as honras do apartamento.

Uma secretária de pinho colocada mesmo no meio da sala estorvava a passagem devido aos seus ângulos; e, por todo o lado, nas prateleiras, em cima das três cadeiras, na velha poltrona e por todos os cantos viam-se, amontoados, vários volumes da *Enciclopédia Roret*, o *Manual do Magnetizador*, um Fénelon e outros livros, juntamente com montões de papelada, dois cocos, medalhas diversas, um boné turco e conchas, trazidas do Havre por Dumouchel. Uma camada de pó cobria as paredes, noutra tempo pintadas de amarelo. A escova dos sapatos estava à beira da cama, da qual pendiam os lençóis. No teto, havia uma grande mancha negra produzida pelo fumo do candeeiro.

Bouvard, talvez por causa do cheiro, pediu permissão para abrir a janela.

— Voavam-me os papéis todos! — exclamou Pécuchet, que, além disso, tinha medo das correntes de ar.

Contudo, ofegava naquele pequeno quarto aquecido desde manhã pelas ardósias do telhado.

— Eu, se fosse a si, tirava já a camisola interior! — disse-lhe Bouvard.

— O quê?

E Pécuchet baixou a cabeça, assustado com a possibilidade de despir o colete de salvação.